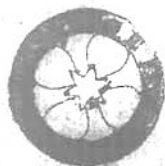


# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programme e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

## MODAS.

Podemos assegurar ás nossas amáveis leitoras, que ainda continuarão em favor as vasquinhas, porém com alguma modificação no corte e na ornamentação.

Com o enorme balão das saias hoje em uso, que fazem lembrar os donaires ou anquiphas de nossas avós, é preciso que os vestidos sejam mais compridos atrás do que adiante; observaremos porém que as damas, que sabem vestir-se com verdadeira distincção, bem longe de exagerarem a tal moda dos balões, procurão attenual-a, o que, da nossa parte, achamos ser uma feliz inspiração.

Usão-se com bastante aceitação, graciosos corpinhos pretos, moda que é ao mesmo tempo elegante e util porque com um corpinho preto

pode-se trazer uma saia, cujo corpinho esteja um pouco carregado e-remoçar, por assim dizer, um *toilette* já servido.

Nada ha determinado até ao presente a respeito da fórma dos chapéus, apezar dos salões e vidraças das modistas assemelharem-se a verdadeiros muscos de modas; mas como descrever essa immensidade de modelos novos, graciosos chapéus de escomilha, de garça, de palha ou de estofos diversos? Esperemos pois algum tempo para vos descrevermos os toucados adoptados pela *fashion* parisiense, cujo gosto é authority em materia de modas.

Desculpem as nossas leitoras a exiguidade deste artigo por falta de materia apropriada, o que esperamos não terá logar no proximo N.º

## DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

☐ HOUPPELANDE, OU CASACÃO DE VERÃO — de nobreza preta ornado de fôfos e rendas. O nome deste vestuario indica o uso a que é destinado; é uma especie de sobretudo á Luiz XVI, chamado pelas damas elegantes a substituir vantajosamente as pellicas. O vestido do mesmo estylo, que completa o *toilette*, faz do todo um encantador conjuncto. Este vestido é tambem de

nobreza preta lisa, com pequenos folhos e fôfos de côr; azul turqueza, violeta de Parma, verde-loureiro, etc.

Chapéu de renda: ponto a alôes e tecido de Alençon; flores alôes e fitas, que irmanem.

Mantelete TURENNE, com romeira e frentes quadradas, guarnecido de fôfos em fita de franja e completamente orlado de uma *guipure* de fran-

jas quasi subindo, e que é retida no pescoco por uma presilha e um laço de fitas. Este ornato não se aperta ou prende senão na cintura. O mantelete *Turenne* foi criado expressamente para meio vestuario de passeio, assim não podia-se melhor fazer do que destiná-lo a trazer-se com um vestido de barras em esteirado, deliciosa novidade que sabe completamente de todos os estofos conhecidos.

Chapéu de renda, ornado de duas plumas côr de alôe, e de duas outras da côr do forro do chapéu.

Mantelete *ARCHI-DUQUEZA*, em nobreza preta bordado, com pequena romeira decotada, e por consequência, bem justa. Esta fôrma recortada em bicos, é a mais graciosa possível, e criada expressamente para ser guarnecida de um grande folho de renda. A estampa dá uma idea perfeita da sua elegancia, e para ella remettemos as nossas leitoras. O vestido de folhos, que a acompanha, é em nobreza verde puro, com ramagem preta em bordado chinês. E' uma novidade não só no desenho, como no arranjo das côres.

Chapéu todo em renda d'alôe, dous entremeios da mesma renda fornao o alto do bandô da copa; o laço detraz igual ás fitas de atar.

Cabeção *CELLINI*, de bordadura sinzelada, terminando em baixo por tufo de franjas sahindo da bordadura. Pôde-se trazer deste modo, mas para o tornar mais casquilho, orlão-no de um fôfo e de um pequeno franjado. Este cabeção deverá trazer-se com sedas chinezas, que fazem de certo os mais bellos vestidos de primavera e estio.

O chapéu, que tem a aba de nobreza de côr, é ornado de um pequeno véo de renda d'alôe, até ás faces; o redondo da copa é de um arranjo

de renda e tecido de Alengon; laço atraz com uma pequena pontiula semelhante á que orna o contorno do semblante; o enfeite superior, é de cada lado, uma pluma dupla de duas côres.

Mantelete *DIVA*, arredondado por traz, e de abas adiante. O fundo em nobreza, é guarnecido de uma larga tira de veludo, sobre o qual acha-se disposta em zig-zag uma pequena renda; uma franja com ornato completa esta composição do melhor gosto, a qual acompanhada de um vestido a duas côres, é sem contradicção uma das mais bellas novidades.

O chapéu é a frente do N.º 6; sendo a parte de baixo com flores.

Mantele *MAUREPAS*, em nobreza com romeira quadrada. As costas e mangas são enroscadas de pequenas pregas até á cintura, e fluctuão ao depois em grandes pregas. O enfeite desta composição, destinada aos banhos de mar e ás viagens, consiste em tres fôfos de fita rendada superpostos, no meio dos quaes está collocado um galão de froco, e se termina com uma pequena franja estampada. O vestido de folhos em flores mortas sobre nobreza roxa pura, diz perfeitamente com esta fôrma, e compoem com os demais estôfes um todo dos mais completos e dos mais bem achados.

Chapéu em ponta de agullia; alôes de trabalho diferente do da renda. Este chapéu, aberto como os de crina, é forrado; o fundo é de côr de alôe, toda a volta em nobreza de côr, ornamento em pequenas barbas de ponto de agullia, preso por um laço irmão das fitas de atar. De um lado ha duas pennas de abestruz, uma côr de alôes, outra assemelhando á nobreza; do outro tres tufo de pennas de abestruz mui pequenas, sendo um delles da côr alôe no meio dos outros dous que são da côr da nobreza.

## CHRONICA DOS SALÕES.

Vá mais esta semana contada no numero das muitas em que me vejo, mesquinha chronista, em apuros para dar um artigo á redacção, sem que no correr dos oito dias houvesse motivo algum que nos fornecesse assumpto digno da attenção de minhas leitoras. Mas não ha remedio senão encher a columna que me é destinada; e assim o farei.

Sabbado 28 de Julho teve logar no Paraiso o baile da sociedade *Recreio dos Militares* que nos consta apresentou um bello serviço, excellente musica e animada concurrencia, primando muitas jovens bellas mais pela elegancia, boa escola e simplicidade de seus *toilettes*, do que pela sumptuosidade dos mesmos, o que nos parece ser muito razoavel e de bom gosto.

No domingo passado, dia de gala e de sincero praser publico por ser o nono anniversario natalicio da Serenissima Princesa Imperial, houve espectáculo lyrico, representando-se a applaudida opera *Filha do Regimento*. O motivo deste

espectaculo fez apparecer no theatro toda a pompa da côrte; e a concurrencia foi grande.

Nessa tarde houve affluencia de povo no Paseio Publico, onde uma banda de musica executou algumas lindas peças. A tarde foi uma das mais bellas destes ultimos dias, e a natureza parecia rir-se dos infundados receios da epidemia, contra a qual se tem preparado os Esculapios, como os alliados, na Crimea, para tomarem a valente Sebastopol.

Foi tambem, como não ignorais essa tarde a escolhida para a cerimonia religiosa da inauguração das obras de construcção da estrada de ferro — D. Pedro II. — Este acto teve logar na quinta imperial de D. Januariá: grande concursoahi se apresentou; pelas 5 horas da tarde o Sr. Bispo, conde de Hraja, consagrou o terreno para a estação imperial e S. M. o Imperador assentou a primeira pedra da estação com o cerimonial do estylo, findando o acto com um excellente copo d'agua offerecido a SS. MM. II., sua

cometiva e outros convidados pelo Sr. Austin engenheiro da empresa.

Uma das importantes novidades desta semana foi o bom numero de mentiras, que se tem espalhado, acerca do *cholera-morbus*. Já não ha molestia que não se supponha logo ser a tal bicha: já não consta uma morte, que logo se não pergunte se foi causada pela epidemia. Entretanto apenas quatro ou cinco casos della se tem apresentado, segundo me informa o meu medico.

Não obstante o terror que se pretende incutir no espirito do publico, parece que está elle disposto a aproveitar o que ha de melhor, emquanto o mal não chega; e tanto é isto verdade, que os theatros tem sido frequentados com muito bom proveito das directorias.

Na noite de quarta-feira, houve ainda enthusiasmo para ir-se ouvir a representação do *Trovador*, cujo desempenho foi, como sempre tem sido, admiravel e muito applaudido.

Nessa noite tambem o *Club Fluminense* esteve concorrido por bom numero das mais elegantes e amaveis de suas frequentadoras, que dançarão e valsarão alegremente até uma hora da noite.

Na manhã desse dia reunio-se muita gente em frente do theatro lyrico para ouvir a voz da Sra. La Grua, que no salão da frente do edificio ensaiava a opera *Othello*, em que debutará ella e o tenor, segundo se nos diz, amanhã segunda-feira: e consta-me que sua voz é admiravel.

O insigne Thalberg deu o seu segundo concerto na noite de sexta-feira, no qual executou quatro escolhidos pedaços, cuja execução e gosto forão tão admirados e applaudidos, como da primeira vez que o seu talento foi apreciado pelo nosso publico. E' de esperar que este homem extraordinario, correspondendo ao apreço e estima que o publico fluminense lhe tem manifestado, se demore mais algum tempo nesta capital, e se faça ouvir maior numero de vezes, desprezando merecidamente algum zolito que pretenda offuscal-o. Sabemos que algumas das mais respeitaveis casas de pessoas desta cidade,

esperão a apresentação que pedirão do Sr. Thalberg, e que lhe preparão brilhantes companhias para o receber. Nós, sua admiradora, o felicitamos e agradecemos pelo apreço em que temos o seu talento, as merecidas ovações que lhe tem sido tributadas.

A respeito de bailes, minhas leitoras, nada vos posso dizer. Não houve em toda a semana um só, para delle poder ter recebido alguma noticia, ou descripção de algum elegante penteado, algum lindo *toilette*, de alguns olhos captivadores. Nem ao menos a nossa redacção deu figurinos no domingo passado, para que sobre o gosto de vestuario nelles indicado, pudesse eu dizer alguma cousa, e emittir minha humilde opinião; pois dizem, minhas amigas, que nisso posso dar voto, porque meus *toilettes* merecem sempre sua approvação. Eu que não sou suspeita, entendo que a melhor ou peor disposição do espirito muito influe para esse applaudido bom gosto. Segundo minhas observações, não ha gosto predominante em modas nem em côres: tenho visto chapéus, sedas e fitas de todas as côres, notando-se que na noite de 29 de julho, havião no theatro lyrico vinte dous vestidos de seda côr de rosa. Os babados são sempre usados, guardados ou não por algum trancelim. Os corpinhos lisos são sempre preferidos pelas bellas que tem convicção da perfeição e elegancia de suas fórmãs.

As fitas não tem regra alguma, além da do gosto particular de cada uma: tenho-as visto de toda a sorte; e sobretudo as de veludo preto para adorno dos penteados estão agora mais usadas desde que a Sra. La Grua assim se apresentou pela primeira vez no theatro italiano.

Desculpai-me, leitoras, se este artigo não é desta vez digno de vós: mas sereis benignas para commigo, ou vos arrependereis da censura que me fizerdes, se algum dia fordes obrigadas a escrever um artigo sem terdes materia para duas linhas. Até domingo.

Alina.

## JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 50.)

XI.

*A prophecia do senhor Peres.*

Faccos a um lado.  
ROMANERO.

— Jesus, Maria, José! bradou o Peres do alto da muralha, ali vem o senhor D. Roman. Escudeiros, encomendai-vos a Deus — vêem-n'o?...

vêem-n'o?... é a cara do] maldito mouro, por uma pena!... como vem iraco]e queimado. Parece que vem da forja do mouro. Arredem-se! arredem-se!

— Pois os mouros tem cada um sua forja, senhor Peres!

— Então donde temperão elles os alfanjes, senhor Marinilla!

— Nas forjas, senhor Peres; mas nem todos tem forjas.

— E quem lhe disse que todos têm forja ?  
Têm-n'a a queles que a têm... Mas o que o senhor Marinilla se gaba de ter morto, é dos que têm forja.

— Olá, *o* senhor Peres sabe muito...

— Eu não sei nada, senhor Marinilla... nada ;  
os que sabem tudo são os valentões matamouros...

— Senhor Peres, cuidado que estou farto de ouvir as suas mentirolas ; mettem-me vontade de lhe contar um conto ao ouvido...

— Quando quizer, senhor Marinilla.

— Agora mesmo.

— Ora vamos, senhor Peres, disserão quatro ou seis, encarregando-se dos papéis de pacificadores, não é cousa de escandalisar chamar-lhe mentiroso.

— E' um embusteiro, acudiu o Marinilla.

— Eu, embusteiro ?

— Sim, embusteiro.

— Vamos, senhor Marinilla, continuarão dirigindo-se ao outro, não chamê embusteiro ao senhor Peres. O senhor Peres não é mentiroso. Que motivos tem para chamar embusteiro ao senhor Peres ?

Com esta prudente mediação, acabarão de irritar-se os dous inimigos, que se socarão um ao outro muito bem, Nisto entrava Roman pela porta do castello.

Receberão-o o marquez e D. Ignez com fria etiqueta, e Roman reclamou-lhes a donzella que tinha posto debaixo da sua protecção.

— A vossa protegida desapareceu do castello ; sinto muito declarar-vol-o, disse o Vilhena.

— Céus ! que dizeis !

— A donzella, acudiu D. Ignez, fugiu uma noite do seu aposento, e encontrei-a nos braços de um cavalleiro, a quem tinhamos dado hospitalidade. Depois desapareceu.

— Com o tal cavalleiro ?

— Não, sósinha.

— Quero saber o nome desse cavalleiro, bra-  
dou Roman colérico.

— Não sabemos.

Roman remordeu a lingua, e disse :

— Hei de encontral-a.

D. Ignez sorriu-se.

— Sim, proseguiu medindo a passos largos o aposento, hei de encontral-a ; ajuda que esteja escondida nas entranhas da terra.

— Creio, redarguiu D. Ignez, que Jarilla se occultaria na selva, porque estou certa que não havia de ir para nenhum castello.

— Oh ! tem razão, senhora... obrigado, exclamou Roman, que viu um raio de luz nesta indicação que D. Ignez apresentou aliás para desorientar o cavalleiro.

D. Ignez, de accordo com o principe, favorecera o rapto de Jarilla, e sabia que estava no castello de Nogales. Por isso dirigira Roman para os bosques.

Despediu-se o donzel e enternou-se na floresta.

Algumas horas depois communicou o Vilhena á sua esposa a resolução em que estava de partir

para Toledo. D. Ignez esteve por esta resolução, e, com effeito, partirão no dia seguinte.

O senhor Peres acompanhava-os, e dizia ao seu auditorio, ao passar pela floresta.

— Uff... que calor... ali está o maldito ! O tal moiro que dizem que matará !

E olhou para o Marinilla ; mas este fez ouvidos de mercador, porque na vespera havia conhecido que se o senhor Peres mentia com effeito, tinha uns valentes punhos para sustentar as suas mentiras. Quando chegou ao arroyo apeon-se elle, e chamando pelos seus com ar mysterioso, acercou-se de uma pedra que ficava a um lado do caminho. Esta pedra que ainda hoje existe nas terras de Regio, tem por casualidade, marcada na superficie a figura de um pé humano, um pouco maior porém, que o regular.

— Aqui está, disse o Peres, escancarando os olhos... olhem... é o pé da moura ?

— Isto já eu vi ha muito tempo, disse um.

— Não duvido, redarguiu o Peres, que isto não é de hoje, nem de hontem, mas está claro que andou por aqui a moura ; e montando outra vez a cavallo, accrescentou em voz baixa :

— Algum dia se verá o que sabe dali !

Com effeito sabiu esta novella, que escrevemos, a propheta do senhor Peres, que por sua erudição, chegou a ser depois arnuado cavalleiro pelo marquez de Vilhena, que para o obsequiar mais, o presenteou com a sua espada não usada. Disse-se que o Marinilla caçara do novo cavalleiro ; mas também accrescentão as chronicas que sempre foi ás furtadelas, e contra a torrente da sua popularidade, que era tanta, que o mesmo illustre poeta marquez de Santilhana, prestava attenção á historia que elle contava ácerca da moura, e entristecia-se e suspirava quando referia o desapparecimento de Jarilla.

Santilhana conservou sempre fresca na mente, a memoria de Jarilla.

Ca nunca creyera  
Que fosse baquera  
De la Fiojoja.

Uma outra pessoa, e não era D. Ignez, conservou sempre a de Roman.

Fallamos da rainha D. Leonor, a quem os reveses dos infantes produzirão tão funda tristeza, que a resolverão a encerrar-se no claustro, aonde muitas vezes contemplava nas suas orações, entre os nomes de seus filhos, o do donzel. D. João II tambem se lembrou muitas vezes de Roman, que não era ambicioso, nem egoista como os demais cortezãos. E' D. Alvaro de Luna, quando deixou de ser valido, e se viu abandonado de todos os seus protegidos.

Deixemos, porém, em Toledo toda a corte, cujos personagens nos não podem já interessar ; pompando-nos ao desgosto de vêr que D. Ignez zomba de seu marido, que envenenão a rainha D. Maria, que D. Alvaro vai a degollar, e que o príncipe D. Henrique se dispõe a ser o rei mais máo de todos os reis de Castella.

Imagens mais doces e mais risonhas, nos aguardão na ultima parte desta novella, no bosque de Jarilla, aonde o nosso espirito fatigado repousará, como as nossas leitoras verão, se quizerem passar os ultimos dias de maio entre as flores, as brisas, e os regatos. (Continúa).

## POESIA.

*Quando não creio em ti, não creio em Deus.*

### SONETO.

Archanjo de minh'alma, oh! p'ra que a vida  
Me arrebatas com tanta realidade?  
Teu protesto de amor da Eternidade  
Felicidade me dá — tanto querida!...

Tu me amas! Anhelante, commovida  
O dissestes ao echo—á soledade—  
Deus m'ò disse — e um anjo de piedade  
Fez me crêr n'essa voz d'alma partida.

Venturoso me sei — e inda estremeço  
Se de ignoto pezar ethereos véus  
Nesses olhos se vêem, de que eu careço.

Mas realiação-se emfim os sonhos meus,  
Que apesar do temor qu'em vão impeço,  
*Quaado não creio em ti, não creio em Deus!*

*A cruel afflicção que meu peito encerra.*

### SONETO.

Se dos viventes já desamparado  
Na mais deserta praia hoje me vira,  
Onde sómente pensativo ouvira  
O terrível clamor de um monte irado;

Se de repente audaz, arremessado,  
Um soberbo leão me perseguira,  
E querendo fugir-lhe á sua ira  
Me cercassem as ondas d'outro lado;

Se o Céu de negras sombras se cobrira,  
Ao mundo ameaçando nova guerra,  
Um raio outro raio despedira,

Se emfim commigo se sumisse a terra...  
Talves, eu nesse estado não sentira  
*A cruel afflicção que meu peito encerra.*

## A SAUDADE ROXA. (\*)

Melancolica saudade,  
Copia de minha tristeza,  
Leva á mimosa *Francina*  
Meus protestos de firmesa.

Diz-lhe, que n'ella pensando  
Passo a noite, passo o dia;  
Que em meu peito angustiado  
Já não existe alegria.

Que de seu canto suave,  
Cheio de doce magia,  
Eu julg' sempre escutar  
A Celeste melodia.

Que, triste, qual meu semblante,  
Roxa, qual meu coração,  
Representas fielmente  
Minha pungente afflicção.

Diz-lhe que em teu meigo seio  
Depositei minha dor,  
Que as tuas folhas mimosas  
Beijei com magoa e fervor.

Que murcha pelos meus ais,  
De ardente pranto crestada,  
Só tu és a companheira  
De minh'alma amargurada.

Possão, pois, os puros votos  
Da mais constante amizade,  
Tocar de *Francina* o peito  
Levados pela saudade!

Diz-lhe... mas ah! tu não podes,  
Meiga florinha mimosa,  
Expressar quanto padece  
Minh'alma triste e—saudosa!

(\*) Veja-se a correspondencia.

Mas ao menos meus suspiros  
Conduz aos ouvidos seus !...  
Toquem ao menos seus labios  
Aqui, onde toco os meus ;

Que então mais leda e tranquilla  
Verás fugir minha dor,  
Verás mitigar meu pranto  
Ardente beijo de amor.

Attende a meus rogos,  
Saudade mimosa,  
Eleva os queixumes  
Que solto—saudosa.

Teu manto severo  
De roxa bellesá,  
No peito diffunde  
Sombria tristesa.

Já és o emblema  
Do pranto e da dor,  
Vai ser mensageira  
De meu dissabor.

E dize á Francina  
Que d'ella distante,  
A dor da—saudade  
Me opprime constante.

10 de Março de 1854, á meia noite.

## VARIÉDADES.

### Correspondencia.

Sra. Redactora. — Deparando em o seu jornal n.º 29 de 22 de julho, com umas quadrinhas de minha composição, dedicadas a uma de minhas amigas que se achava ausente, e notando que a pessoa, que as *copiou do meu album*, teve alguns equívocos, inclusa lhe remetto a copia fiel das que nelle se achão escriptas, rogando-lhe o obsequio de a fazer publicar em o proximo numero. Em outro numero do seu jornal, appareceu tambem o plagiario de uma pequena poesia minha, da qual não quero fazer menção para não chocar o melindre de quem a assignou.

Com esta publicação muito obrigará á sua, etc.

A. E. de Menezes.

### Orgão do olfacto.

O sentido de cheirar ou olfacto, poem quasi todos os animaes em contacto com certas moléculas, que se elevão continuamente da superficie dos corpos, e que se chamão cheiros.

O olfacto, tem por séde uma membrana chamada *olfactiva* ou *pituitaria*, que, nos animaes invertebrados está situada na superficie de um orgão exterior e saliente, chamado *antenas*. Em todos os animaes vertebrados, taes como o homem e os quadrupedes, ella está situada em uma cavidade feita na parte anterior da cabeça. Somente nos peixes, que devem respirar a agua, esta cavidade é isolada, e não tem mais do que

um unico orificio exterior ; enquanto que nos que vivem no ar, ella communica com o apparelho da respiração. Nos ultimos, este orgão termina-se exteriormente por uma parte saliente, chamada *nariz*, cujas cartilagens fazem muitos circuitos que forção as particulas cheirosas aahi residirem longo tempo.

A mór parte dos animaes possui certamente um olfacto muito mais subtil do que o do homem. Os quadrupedes em geral o tem tão perfeito, que nelles esse sentido descobre os objectos longo tempo antes que os olhos os possam perceber. Não só elles são prevenidos da presença actual dos corpos muy afastados, mas podem ainda distinguir as emanções deixadas por esses corpos, longo tempo depois da sua passagem. Buffon diz a esse respeito : — « este sentido é como um olho que vê os objectos, não só onde elles estão, como por toda a parte onde tenham estado ; é como um orgão universal de sentimento pelo qual elles são mais cedo ou mais tarde avisados. »

Os caçadores sabem que para surprehender os javalis ou porco montez, é preciso collocarem-se a sotavento, afim de evitarcm as emanções que lhes chegão e são sufficientes para os fazer mudar de caminho ou retroceder. Os lobos tem muitas vezes o nariz advertido, mesmo achando-se a mais de uma legua de distancia, da presença dos animaes vivos ou mortos. Vê-se-os, depois das grandes batalhas, trãnspar distancias consideraveis para virem desenterrar os mortos.

O urso é o cavallo, são tambem dotados de um olfacto muito apurado ; mas é principalmente no cão, que a perfeição deste orgão excita a nossa admiração. « Conhece-se, diz Buffon, a sagacidade com a qual elle deslinda os nós desse fio tortuoso, que pôde pôl-o sobre o rasto da caça a quem persegue ; parece vêr



April 1855

Mouppelaude d'été

Euxenne

Archiduchesse

Cellini

Oliva

Mauvepa

LE MONITEUR DE LA MODE  
à Modea pour le Septembre de 1855.

*Paris, Rue Richelieu, 57.*



« com o cheiro todos os rodeios do labyrintho « em que o veado em talas o tem procurado « fazer perder. » Um bom cão de caça descobre o rasto de uma lebre, tres ou quatro horas depois de ter passado; e cita-se alguns que tem ido achar os seus donos a distancias prodigiosas.

Tem-se tambem attribuido aos passaros muita agudez no cheiro: Mr. de Humboldt, conta que no Perù, em Quito, e na provincia de Popyan, quando se quer apanhar condores, mata-se um cavallo que se abandona no meio do campo. Em breve, estes passaros chegam de todos os lados para se nutrirem do animal morto. Diz-se que depois do combate em que Cesar e Pompeo se disputarão o imperio do mundo, os urubùs da Asia vierão cahir em massa sobre os campos da batalha de Pharsalia. O que se conta dos corvos, é de uma exaggeração inteiramente ridicula. Alguns escriptores, entre outros Plinio, assegurarão que os urubùs e os corvos, tem o olfacto tão fino, que adivinhão tres dias antes a morte de um homem vivo, e que, para não perderem a presa, chegam na vespera. Esta asserção é inteiramente absurda.

Citão-se muitos factos que tenderião a estabelecer, que certos homens gosão igualmente de uma grande força de olfacto. Woodward falla de uma mulher que reconhecia no ar um cheiro sulfuroso, e predizia as tempestades muitas horas antes. Transmittirão-nos a historia de uma rapariga surda e cega, para quem o olfacto era um poderoso auxiliar do tacto. Muitas vezes ella ia para os campos apanhar flores, sem outro guia mais do que os perfumes que exhalavão das plantas. A acreditamos no cavalheiro Digby, um menino que tinha sido criado em um bosque onde só tinha vivido de raizes, distinguia pelo olfacto a approximação dos seus inimigos. Mais tarde, restituído à vida commun, perdeu em grande parte esta sensibilidade olfactiva, mas conservou sempre bastante para reconhecer a sua mulher pelo faro, como um cão de caça reconhece a seu dono. Ha tribus inteiras, que gosão da mesma faculdade. Os viajantes são de accordo em dizerem que os selvagens da America do Sul, os Hurons, os Mohicanos, e em geral todos os negrões, reconhecem farejando o rasto de um homem, e distinguem se é de um branco ou de um preto.

Olla-se geralmente hoje os cheiros, como parcelas mesmo dos corpos; mas estas parcelas são tão miudas e tão subteis, que não tem podido ser submettidas a uma investigação. Um pedaço de almiscar ou de ambar, levado successivamente a diversos quartos, erche-os em um instante do cheiro que delle se destaca; e esta emanção prolonga-se indefinidamente sem que o peso do corpo diminua de uma maneira sensivel. E' pois necessario, que o orgão destinado a reconhecer os e a apprecial-os, seja dotado de uma grande força, e ao mesmo passo de uma grande agudeza. Assim a membrana pituitaria, que tapeça as fossas nazaeas, onde se acha um grande numero de circuitos, têm um mui grande desenvolvimento.

Os cheiros exercem sobre a economia animal,

effeitos immensos e variados. Quando mui fortes, excitão o espirro e as lagrimas; algumas vezes produzem a alegria, a tristeza, a vivacidade, a taciturnidade, o somno, a insomnia, o incommodo ou um estado de bem-estar assás agradável. Tem-se pretendido, que tenham a propriedade nutritiva; mas os factos que a tal respeito se apoutão, nos parecem outros tantos contos absurdos.

(Continúa.)

## Para amor nada é impossível!

E senão que o digão todos aquelles, que, para realisarem uma promessa amorosa, vencem os obstaculos da barreira dos impossiveis, e cumprem aquillo, que momentos antes, não era mais do que um sonho, ou um pensamento lindo e amoroso a sorrir-se, como o sopro da brisa a tocar a teura florzinha que começa a expandir sem perfumes. E para mostrarmos a verdade desta nossa asserção, vamos contar às nossas amaveis leitoras, o interessante episodio de um casamento acontecido nos Estados-Unidos. O que vamos narrar é verdadeiro, e demonstra bem que quando se ama, não ha impossiveis.

No condado de Bath (Virginia), vivia uma joven, linda como os amores, loura donzella que enfeitava a quem a via. Nos seus 16 annos era um verdadeiro anjo com gesto celeste; e de entre a numerosa cõrte de seus adoradores, um lindo mancebo toi o feliz escolhido para comprehender o amor que brotava aquella minosa flor a trescalar perfumes.

Os dous jovens amirão-se; que o amor nesta idade é de facil comprehensão, mas era necessario que a Igreja o santificasse, e para isto fixou-se o dia da cerimonia. Tudo se preparava com afan, e a anciedade vivia no coração dos amantes á par do amor.

O ministro de Deus devia ir ao domicilio dos futuros esposos, situado á beira de um rio, que era preciso atravessar; mas a chuva e a neve tinham engrossado as aguas de modo que interceptarão todas as communicações. Para infelicidade dos amantes, e cumulo da desgraça, não havia ponte n'aquellas vinte milhas; e enormes pedras que se quebravão umas nas outras, não permitião a passagem de uma canoa.

Os dous futuros que suspiravão por este momento feliz de sua vida, achavão-se promptos, e só esperavão pelo padre. Fiel á sua promessa, não quiz este faltar á ella. Acompanhado de um amigo, tomou posição em um ponto alto da praia, justamente defronte da casa dos moços, cuja união elle devia abençoar. Adictos pela contrariedade do tempo, tambem elles tinham vindo á praia examinar o estado das aguas. E ella — a noiva — firmando o rosto sobre a mão...



Amorosa e pensativa  
 Olhava o rio e as aguas,  
 E tardar o seu amor  
 Erão-lhe cruentas magoas l...

De repente, porém, lançando a vista sobre a outra margem, descobre o padre immovel no posto que escolheu, e um pensamento luminoso atravessa o espirito da joven amante, que logo exclama :

— Oh ! está tão longe ! E hoje devia ser o dia da minha felicidade ! !

— Mas eu não posso atravessar o rio, bem estais vendo, respondeu o sacerdote.

— Porém d'ahi podeis casar-nos,

— Vim para isso ; mas é preciso vêr a licença, e.....

Não tinha acabado a phrase, quando a impaciente noiva vai á casa, donde sahe com um papei na mão, e um novello de fio : apanha uma pedra, embrulha-a com a licença, e tudo ficou logo como uma especie de projectil, mas matrimonial ; projectil inventado pelo amor de uma seductora menina de 16 annos de idade.

Poucos instantes depois, pedra e licença, atiradas pelo joven futuro, forão cahir aos pés do ministro da Igreja ; e então, a um signal delle na margem direita do rio, os dous jovens de joelhos davão as mãos, enquanto que na margem esquerda o sacerdote com uma voz clara, que sobrepujava o ruido das aguas, pronunciava as palavras sagradas que união para sempre duas existencias uma á outra. E no entanto, meia hora antes era impossivel realizar-se o casamento nesse dia ; a felicidade desses noivos devia ser retardada ; mas o amor vence tudo : e se no coração da mulher, que ama verdadeiramente, ha o sentimento de sua existencia, na sua imaginação ha tambem sempre um pensamento para vencer a contrariedade daquillo que amor tenta realizar ; porque — *para amor nada é impossivel.*

*Innocencio Rego.*

### Anecdota.

#### A BOLSA DE JUDAS.

Um frade, que apezar da lei das incompatibilidades era igualmente sacerdote do deus Baccho, nunca sabia do convento sem uma borracha de bom vinho mettida na manga. Pregando pela quaresma, o auditorio viu e ria-se de ter o fradeço na manga e da parte de fóra, o gargalo da borracha ; — era um escandalo, e já os beatos se esconjuravão, quando o santo homem dando

pela cousa, principiou a desertar sobre a traição de Judas, e fez o caso tanto ao vivo, que exclamou cheio de unction : — Eil-a, eil-a ! a bolsa infernal que continha os 30 dinheiros, malvado, perfido Judas !

O caso ia bem, e já as consciencias socegadas se arrependião de ter feito juizos temerarios, se um taverneiro que se achava entre os ouvintes, levado do zelo do officio, não gritasse : — Com effeito, é ladroeira ! Lá em casa eu a encho por um quartinho e é do velho, trinta dinheiros por meia canada é roubar !

O povo riu-se, o frade coronou, e o taverneiro nem por isso ganhou mais freguezes.

*Papagaio.*

### CHARADA.

A's vezes harmoniosa 1  
 E se um — M — me juntar  
 Resposta fascinadora  
 Se de amante a escutar.

Tal serás !! sendo ligeiro  
 Inpalpavel, intromettido,  
 Giro, vôo, pouso, sujo,  
 Sou immundo aborrecido. 1

#### CONCEITO.

Na floresta em festões  
 Enleio aos meus rivacs  
 Sirvo no mar, e em terra  
 Na roça se edificaes.

Na margem virgem dos rios  
 Em alto jequitibá  
 Balançando dou passagem  
 Ao macaco que lá está !

Se descascão meu irmão  
 E vão no rio bater  
 Represado, dou a morte  
 Para ajudar a viver.

*Escolastica P. de L.*

A charada do n.º 50 é: *Carapuça.*

Acompanha este n.º 51 uma estampa com figurinos de manteletes e chapéos.